

Apresentação

Celso Donizete Cruz

DLI/UFS-Itabaiana

*Se diz a palo seco
o cante sem guitarra;
o cante sem; o cante;
o cante sem mais nada*

(“A palo seco”, João Cabral de Melo Neto)

O canto “a palo seco” é uma tradição musical da Andaluzia e uma das formas prototípicas do flamenco espanhol. *Grosso modo*, “a palo seco” é o canto flamenco “a capela”, isto é, só a voz, desacompanhada de qualquer instrumento musical (nem mesmo uma mísera e escassa castanhola!).¹ É esse modo de cantar que João Cabral descreve e analisa em poema homônimo integrante de seu livro *Quaderna*, do final da década de 1950. Foi o poema a fonte de inspiração, quando buscávamos um nome para o nosso periódico.

Um nome pode ser uma sina. Embora não queira com isso dizer que devamos nos pautar necessariamente pelas características desse “cante”, tal como concebidas pela poesia cabralina. É ver o poema. Atributos como a *secura*,² o *despojamento*,³ a *incisividade* de lâmina afiada,⁴ a *precisão* do risco e a *dureza* inquebrável de diamante,⁵ a *nobre solidão* (mostra de autossuficiência),⁶ a *clareza* cristalina, *apolínea*,⁷ entre outras – quem dera todas essas altas qualidades, mais o compromisso ético de lutar contra o silêncio,⁸ cuja enorme pressão o cante enfrenta. Quem há de querer ser tanto!

1 Não será difícil encontrar na rede exemplos para audição. Há alguns no endereço http://www.radiole.com/especiales/enciclopedia_flamenco/cantes_paloseco.html.

2 “[...] não o de aceitar o seco / por resignadamente, / mas de empregar o seco / porque é mais contundente”.

3 “[...] o cante a palo seco / sem tempero ou ajuda”; “[...] cante despido”.

4 “[...] cante desarmado: / só a lâmina da voz / sem a arma do braço”; “[...] é cantar contra a queda, / é um cante para cima, / em que se há de subir / cortando, e contra a fibra”.

5 “A pele do silêncio / pouca coisa arrepia: / o cante a palo seco / de diamante precisa”.

6 “[...] o cante mais só: / é cantar num deserto / devassado de sol”; “[...] cantar / num deserto sem sombra / em que a voz só dispõe / do que ela mesma ponha”; “[...] é o cante / que mostra mais soberba; / e que não se oferece: / que se toma ou se deixa; / cante que não se enfeita, / que tanto se lhe dá; / é cante que não canta, / cante que aí está”.

7 “[...] não é um cante a esmo: / exige ser cantado / com todo o ser aberto”; “é um cante que exige / o ser-se ao meio-dia, / que é quando a sombra foge / e não medra a magia”.

8 “[...] é o cante / de todos mais lacônico, / mesmo quando pareça / estirar-se um quilômetro: / enfrentar o silêncio / assim despido e pouco / tem de forçosamente / deixar mais curto o fôlego”; “[...] é um cante / submarino ao silêncio”; “[...] é o cante / de grito mais extremo: / tem de subir mais alto / que onde sobe o silêncio”.

Um nome pode ser um horizonte, porém, e quem nomeia deve esperar ao menos um bafejo dos bons ou maus augúrios que uma palavra poderá evocar. Nesse sentido, ficamos sob nobre abrigo, penso eu, mesmo quando a expressão evoca o título da conhecida canção de Belchior, *A palo seco*, provavelmente inspirada no mesmo poema e que desesperadamente gritava em português (quando o desespero era moda em 73), para os que ainda se lembram...

Referências à parte, na prática a revista surgiu para documentar as atividades de nosso grupo de pesquisas, o GeFeLit, Grupo de Estudos em Filosofia e Literatura. No número 1, lançado em 2009, foram reunidos textos apresentados no I Colóquio Filosofia e Literatura da UFS, de 2008. Neste número 2, trazemos contribuições que remontam ao nosso I Seminário de Pesquisa, realizado no ano passado. É esse o caso dos artigos de Cicero, Jacqueline, Marcio e Fabian. Dois professores de filosofia, e dois de literatura.

“O lugar da poesia na filosofia de Platão”, de **Cicero Cunha Bezerra**, revisita um tema amplamente conhecido: o caso da expulsão dos poetas da República idealizada pelo filósofo grego. Interessam as razões dessa expulsão, que irão justificar a proposta de Platão. Nesse ponto intervém a exposição de Cicero, atenta ao “papel político da poesia” na pólis. O autor do artigo procura enxergar, no que não está sozinho, “a crítica platônica aos poetas como parte integrante do seu projeto de reformulação da formação (*paideia*) grega clássica”. Aí temos um motivo para a condenação dos poetas; com eles, condena-se um modo antigo de formação, que afinal seria o que o filósofo realmente atacava. Na exibição dessa teoria, são perseguidos os passos, até os mais miúdos, em que os poetas são mencionados no texto da *República*. De passo em passo, compõe-se uma imagem platônica do poeta, a qual não leva em conta apenas o episódio da expulsão. A esse respeito, aliás, no final do artigo, temos uma sugestão de reintegração dos poetas, que seriam aceitos na República não como sábios (posição que Platão contestava), porém como amigos/amantes da poesia, os “filopoetas”.

O artigo de **Marcio Gimenes de Paula** trata do “uso da pseudonímia em Kierkegaard”, tema que apresentou em nosso I Seminário a convite do grupo, que vê a obra desse filósofo como uma das que transitam na fronteira entre as duas áreas a cuja pesquisa nos dedicamos. O texto de Marcio, definido como “tentativa de catalogar as obras e os pseudônimos de Kierkegaard”, oferece como que uma cronologia comentada da produção kierkegaardiana, dividida entre as obras assinadas pelo nome próprio do autor e as obras “pseudonímicas”. Entremeadas a essa catalogação, temos informações sobre a vida, os principais temas desenvolvidos nas obras e alguma fortuna crítica desse célebre pensador dinamarquês.

Do lado dos literatos, o texto de **Jacqueline Ramos**, “Filosofia e literatura”, vai direto ao assunto na divulgação do “método crítico de Benedito Nunes”. Esse grande intelectual de nossas letras tem toda sua trajetória pontuada pelo íntimo contato entre essas duas áreas, e por isso suas ideias sempre estiveram no centro de nossos debates, desde o começo. (Inclusive, o II Colóquio Filosofia e Literatura, evento organizado pelo grupo neste mesmo ano de 2010, rende homenagem ao professor e crítico paraense.) O artigo de Jacqueline focaliza dois textos em que Nunes se concentra sobre o próprio fazer crítico, o que implica o discurso sobre as relações que sustenta entre filosofia e literatura. O exame dessa metacrítica é realizado no intuito de definir abordagens possíveis inspiradas pela aproximação dessas duas grandes áreas.

Já **Fabian Piñeyro**, em “O reconhecimento da Mulher-Aranha”, propõe uma experiência: enxergar as diferenças dos textos filosóficos e literários na comparação de dois livros sobre um mesmo assunto, um, *A luta pelo reconhecimento*, escrito por um filósofo, o alemão Axel Honneth, e outro, *O beijo da Mulher-Aranha*, romance do escritor argentino Manuel Puig. Ressalvados os intervalos de espaço e tempo a separar os dois autores, e assumindo que ambos tratam de um mesmo tema, o reconhecimento, é possível distinguir claramente o agenciamento de técnicas e táticas muito distintas de desenvolvimento temático. Fabian destaca o trabalho com o tempo como uma das diferenças elementares na exposição do tema pelo filósofo e pelo literato.

As demais contribuições deste número 2 vêm de outros integrantes do GeFeLit. **Sílvia Faustino de Assis Saes** nos traz um ensaio sobre o “niilismo linguístico de Rousseau”. Partindo de uma indicação de Bento Prado Jr. a respeito do *Ensaio sobre a origem das línguas*, de Rousseau, Sílvia equaciona os termos que

configuram a visão linguística do filósofo francês. Para entender por que essa visão é niilista, será preciso considerar que a concepção de Rousseau confere maior valor ao aspecto retórico em detrimento do aspecto “logocêntrico” da linguagem. Para ele a origem da língua está associada “à afetividade e à moralidade”. Como o racionalismo logocêntrico tende a triunfar com o progresso civilizacional, as perspectivas rousseauianas são pessimistas. E isso não é tudo, porque o ensaio de Sílvia também leva em conta a substituição, detectada por Rousseau, da ordem alcançada pelo poder persuasivo inerente à estrutura musical da linguagem, trocada pela ordem imposta à força pelo poder político dominante, independentemente de qualquer forma de persuasão. Essa é uma outra razão do niilismo de Rousseau, demonstrado com bastante precisão, ao lado de outros pontos de interesse de seu pensamento linguístico.

Luciene Lages Silva, com “Metamorfose e transculturação em Guimarães Rosa”, propõe uma análise do conto “Meu tio o Iauaretê”, do escritor mineiro. Como o título do artigo já revela, a atenção é chamada para a transformação (que pode ser só um efeito de linguagem) sofrida pelo personagem principal do conto, resultado de um processo de perda progressiva de traços culturais, isto é, humanos. A ideia de transculturação surgiria no embate entre culturas distintas, a do índio e a do branco, tanto no ambiente do conto quanto por sob a pele do personagem principal. E ainda temos a questão de saber se este último consegue fugir a esse embate pelo retorno à pura condição de natureza. Coisas que intrigam no conto de Rosa, autor que nos instiga e sempre nos surpreende.

Romero Venancio faz a resenha da peça *Quebra-quilos*, criação do grupo de teatro Alfenim, da Paraíba, que põe em cena o episódio histórico da Revolta do Quebra-Quilos, de meados de 1870, movimento popular que teve início nesse Estado e se espalhou por todo o Nordeste. Romero vai identificar componentes da montagem que estão de acordo com preceitos desenvolvidos pelo teatro politizado de Bertolt Brecht, ademais de destacar a originalidade e o arrojo próprios a esse trabalho do grupo paraibano, cuja iniciativa é saudada como um caminho possível para o teatro que não queira se limitar à afetação frugal e mediana da predominante, e nem sempre lucrativa, estética televisiva.

Dominique M. P. G. Boxus reproduz os resultados de um trabalho de pesquisa desenvolvido com seus alunos de Literatura Francesa. “A França do século XIX: história, literatura e arte” oferece um painel histórico-literário desse país nesse século, partindo de seus antecedentes, que remontam à Revolução de 1789. As informações apresentadas foram colhidas “em grande parte a partir de obras escritas em francês por pesquisadores franceses”, “fontes de interpretação primeiras, [...] essenciais para se entender o campo francês e suas influências”. O conhecimento histórico é considerado fundamental para a compreensão da literatura e da arte, e a sequência de eventos e personagens referidos não são de fato tão comuns assim aos leitores brasileiros, por isso o percurso proposto pela pesquisa de Dominique funciona como um guia proveitoso para se situar em face do contexto acionado por criações artísticas e literárias francesas.

Fechando a revista, temos a ilustre presença do pensador alemão do século XVIII, Johann Gottfried Herder, por intermédio de seu texto “Monumento a Baumgarten”, traduzido e anotado por **Oliver Tolle**. Trata-se de um texto encomiástico dedicado ao filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), o primeiro a utilizar o termo “estética” para se referir ao mundo do “sensível” que, por extensão, poderá ser tomado como o mundo da “arte”. Curioso, dada a linha que orienta nosso grupo de pesquisa, que Herder refira a filosofia e a poesia como as bases do pensamento de Baumgarten. É mais um exemplo de aproximação efetiva entre as áreas. A tradução merece destaque pela eficácia, não alheia à precisão terminológica e ao apuro estilístico exigidos para a obtenção da coerência e mesmo de certo sabor arcaico no trabalho com um texto de mais de duzentos anos de idade.

E assim vamos, ora dedicados diretamente à problemática central do grupo, ora a um dos lados da relação entre as duas áreas. Ora até a áreas conexas, como a história, a dramaturgia e a tradução, porém sempre às voltas com o exercício da linguagem, que nos irmana a todos.

Vale!